

ALGUMAS NOTAS DE ONOMÁSTICA IBÉRICA

António Marques de FARIA

Neste artigo, que surge no seguimento de outros textos nossos dedicados parcial ou totalmente à antroponímia ibérica (FARIA, 1990-1991; FARIA, 1991; FARIA, 1994; FARIA, 1995), é conferido particular relevo ao estabelecimento de analogias entre nomes pessoais (NNP), adjectivos «étnicos» e nomes de lugar (NNL) ibéricos, a fim de tentar demonstrar, na esteira do ensaio de UNTERMANN (1992), que estas três categorias partilham o mesmo património lexical.

A exemplo do que se observou no nosso trabalho mais recente (FARIA, 1995), a transliteração dos signos ibéricos respeita a oposição entre oclusivas surdas e sonoras quando esta é detectável; caso contrário, os silabogramas são iniciados por maiúscula. De referir ainda que, para além das reconstituições devidamente precedidas de asterisco, os nomes documentados em escrita grega vão transcritos em itálico, ao passo que os oriundos de fontes latinas são apresentados em letras maiúsculas.

De cada uma das entradas consta sucessivamente o nome analisado, o tipo de suporte epigráfico, o local de achamento ou de produção e a remissão para a bibliografia de referência.

[aba]Rcis. Placa de chumbo. Palamós. C.4.1.

Seguimos a restituição de UNTERMANN (*MLH* III 2, 82-83), também perfilhada por VELAZA (1991, 25, nº 9) e por CORREA (1994, 279). Como paralelos para o elemento final podemos propor **wbar-ti-aicis** (F.6.1) e **aRan-cis* (FARIA, 1995, 80). Se o gravador era bom conhecedor das regras ortográficas, não deve haver qualquer haplogogia em **abaRcis** (**abaRarcis*, na opinião de UNTERMANN, secundada por VELAZA (1991, 25, nº 9) e por CORREA (1994, 279)). Na verdade, a distinção gráfica entre velar surda e sonora que ocorre em **laCu-aRgis** e **[aba]R-cis** (CORREA, 1992, 282) parece indicar que, nas linhas 3 e 4 de C.4.1, estamos perante dois componentes nominais diferentes.

aiunicaRbiR. Escultura de pedra. Cerro de los Santos. G.14.1.

A presença da raiz *biR* afigura-se incontornável (*contra*, *MLH* III 1, 209), pelo que a segmentação **aiun-iCaR-biR** é a mais provável. Importa, contudo, salientar que, ao contrário do que sucede com os outros dois (*MLH* III 1, 209, 219), o presumível elemento **iCar* não ocorre em nenhum outro antropónimo ibérico (*MLH* III 1, 223).

baitolo. Moeda. **baitolo.** A.8; CNH 198:1-6.

O presente NL segmenta-se em **bai-tolo**. Conquanto não tenha sido incluída no repertório antroponímico elaborado por UNTERMANN (*MLH* III 1, 209-238), a raiz onomástica *bai* conta com

vários exemplos: **an-bai-car** (B.10.1), *tur(a?)-bai-luR* (G.1.1), **Si-bai** (C.4.1), **bai-boS** (C.2.5), **euSti-bai-cul-a** (A.9; CNH 187:1-4) e **ca-bai** (C.4.1). Também em proto-basco o mesmo elemento pode ser identificado nos teónimos BAI-ASE, BAI-GORI-XO e BAI-OSI (GORROCHATEGUI, 1984, 311-314) e no topónimo BAI-GORRI (ORPUSTAN, 1987, 61; IRIGOYEN ECHEVARRIA, 1987, 83-84). Sobre os restantes nomes próprios ibéricos que integram *tolu*, v., *infra*, **boRtolo**.

[ba]STaneS/[s?]inTaneS. Estela de arenito. Santa Perpetua de la Moguda. C.10.1.

nes-eldu-cu (A.100-8., -9.; CNH 344:17-25; FARIA, 1995, 83-84) é o único NP que nos revela qual das sibilantes ibéricas devemos representar na transcrição da base onomástica *nes* para caracteres latinos. Por isso, e até prova em contrário, duvidamos da existência da forma nominal ibérica **neS*; deste modo, **[ba]STaneS** e **[s?]inTaneS** não documentam o (até agora) inexistente **neS*, mas, sim, o componente nominal *TaneS* (MLH III 1, 229, n. 92.2; MLH III 2, 102-103). Se não se tratar da latinização de **tanegbaiser* (MLH III 1, 233), é provável que TANNEPAESER-I (CIL II 5840) represente em latim um eventual **tane(S)-baiser*.

baStibilos. Placa de chumbo. Sierra de Gádor. H.1.1.

NP formado por **baSti** e **bilos** (FARIA, 1990-1991, 76, 84; FARIA, 1994, 67). Os NNP formados por *bilos* são relativamente frequentes (**oco-bilos** (H.1.1), **bilos-iuR** (H.13.1), **bilos-leis-tigeR** (B.7.35), etc.); em contrapartida, a raiz **baSti** é muito mais escassa, estando somente reproduzida em **baSti** (CNH 53:12; A.29; CNH 319:1) e em **baSti-ba** (ou **baS-tiba?**) (F.13.3).

beloRdin. Placa de chumbo. Local indeterminado. FLETCHER VALLS e SILGO GAUCHE, 1991-1993, 90.

NP segmentável em **bel-oRdin**. Se *oRdin* dispõe de numerosos testemunhos na antroponímia ibérica, entre os quais **oRdin-beleS*, **oRdin-nas* (TSall) e **oRdin-Tuwbars** (E.4.1) (MLH III 1, 229), já *bel*, que não pode ser confundido com *beleS*, conta, pelo menos, com outros dois testemunhos em **bel-sosin** (F.20.3) e em **boR-bel-ioR** (C.2.3), havendo a probabilidade de VELAVNIS (gen.) (CIL II 1590) e VELGANA (CIL II 1595) serem igualmente trazidos à colação.

belse. Moedas. **belse**. A.6.08; CNH 42:41A, 44:54, 52:105.

Em trabalhos recentemente publicados, tentámos ver em **beRsa** (A.30; CNH 439:1-2), legenda toponímica reproduzida em moedas achadas em solo francês (FARIA, 1994, 65; FARIA, 1995, 80-81) uma variante de **Illuversa*, topónimo para o qual remete o adjetivo «étnico» atestado no Bronze de Ascoli (ILLVERSENSIS) e em Plínio (NH 3. 24: ILVRSENSES). Contudo, por uma questão de economia, inclinamo-nos agora para identificar os **Illuversenses* com os habitantes de **belse**, NL gravado em dracmas de grande raridade (VILLARONGA, 1992; SILGO GAUCHE, 1994, 78; DE HOZ, 1995, 320, 321-322). Não vale, pois, a pena procurar em território peninsular uma segunda cidade de nome **beRsa** (FARIA, 1994, 65; FARIA, 1995, 81), quando se tem à mão uma outra, cuja designação cumpre perfeitamente os requisitos necessários.

Em primeiro lugar, a alteração morfológica da vogal final de **belse** em lat. -a nada tem de excepcional (MLH I, 73, 80).

Por outro lado, não há qualquer dificuldade em interpretar **Illuversa* como o resultado da dissimilação de **ildu-belse*. De facto, a alternância entre *l* e *r*, fenómeno comum a várias línguas não-indo-europeias (DOLÇ, 1954, 57), verifica-se em vários componentes nominais ibéricos (MLH III 1, 200 e n. 20), explicando-se a maior parte dos casos – mas não todos (FARIA, 1994, 69) – por processos de assimilação ou de dissimilação. A passagem de *l* a *r* verifica-se em **bala-CerTaR** (E.1.65) < **bala-CelTaR*, **baRcaCeR** (C.25.3) < **balc(e)-aCeR*, **baRceno** (A.6.11; CNH 51:95) < **balce-no*, BIR-BILI(S) (DOLÇ, 1954, 57) < *Bilbili(s)*, SERGETON (CIL II 2114) < **selg(i)-eton* e no topónimo não-ibérico **ipolca** (A.100): **ipolca** > **lporca* > **lporcona* > Porcuna (MLH I, 336). Outra cidade meridional, conhecida em latim por *lporca*, deveria, em época pré-romana, ser homónima da anteriormente citada (TOVAR, 1974, 180).

Convém assinalar que DE HOZ (1995, 320), ao analisar com algum pormenor o NL **belse**, não estabeleceu qualquer conexão entre este e **Illuversa*: «Las fuentes antiguas no nos proporcionan ningún testimonio de un topónimo igual o suficientemente semejante – en latín esperaríamos **Belsa* –,

aunque llama la atención el aire de familia con Celsa. En todo caso no hay por qué extrañarse de que una pequeña comunidad haya acuñado un par de breves series monetales en fecha temprana y luego no haya tenido ocasión de figurar en las fuentes por su escasa importancia ni encontrado un lugar en ellas por puro azar».

Para explicar a sequência **belse** > *ildubelse > *Illuversa, continua válido o que escrevemos a propósito da agora improvável evolução *ildubeRsa > *Illuversa (FARIA, 1994, 65): «A autonomia de que goza **ildu** no contexto do léxico ibérico (MLH III 1, 188), termo ao qual tem sido atribuído o significado de «cidade», é um factor determinante na nossa argumentação». Talvez o mesmo possa aplicar-se aos ILORCITANI plinianos (NH 3. 25) se estes corresponderem aos **uRcesCen** das legendas monetárias (A.96; CNH 329:1-3), como querem QUESADA e GARCÍA-BELLIDO (1995, 67, n. 6): ILORCITANI (Plin. NH 3.25) < *ilduRci < *ild(u)uRci < **uRcesCen** < *uRci. Não deve, porém, ser posta de parte a identificação dos «**uRcesCen**» com os habitantes de VRCI (Plin. NH 3. 19; Mela, Chor. 2. 94) (MLH I, 324; TOVAR, 1989, 144; contra, LÁZARO PÉREZ, 1988, 121). Também *Ileosca* (Str. 3. 4. 10), forma toponímica que despertou a atenção de CARO BAROJA (1954, 733) e de UNTERMANN (MLH I, 247; 1995, 309, n. 36), poderá ser mais um NL precedido do substantivo ibérico correspondente a «cidade».

A evolução *ildubelse > *Illuversa > *Illuversa > ILLVERSENSIS (TSall) comprova a assimilação progressiva da labial após a semivocalização da mesma (FERRER ECHÁVARRI, 1986, 44; FARIA, 1995, 81), talvez facilitada pela já reconhecida oscilação *b/u* na realização de /b/ e /w/, fonemas que constam – com largo predomínio do primeiro – de vários nomes ibéricos (MLH III 1, 153, n. 21; FARIA, 1991, 18; FARIA, 1994, 69). Sobre a omissão gráfica do grupo *VV* (/uw/), a que já aludimos noutra oportunidade (FARIA, 1995, 81), importa citar FERRER ECHÁVARRI (1986, 40): «El étnico derivado de *i.l.du.be.i.R.* se debería haber escrito *ILLVERSENSIS, pero en virtud de la confusión gráfica mencionada se notó ILLVERSENSIS en lugar de *ILLVERSENSIS por la costumbre gráfica aducida por Mariner de no expresar gráficamente el sugundo fonema del grupo *uw*, aunque éste se hubiera fricativizado ya». A ser correcta a tese ora defendida, o inexistente NL *i.l.du.be.i.R.* deverá certamente dar lugar a *ildubelse. Considerando que, na fonologia ibérica, entre /u/ e /e/ há que identificar um limite de morfema (MLH III 1, 153), a forma veiculada por Plínio (NH 3. 24: ILVRSENSES) não deverá documentar a redução de /we/ a /u/, afigurando-se mais provável que se trate de erro paleográfico na transmissão do topónimo em análise.

Sendo *Ilerda*, *Segia* e **belse**/**Illuversa* as únicas cidades mencionadas no Bronze de Ascoli que Plínio (NH 3. 24) atribui ao *conuentus Caesaraugustanus*, pareceu-nos legítimo tentar localizar **belse**/**Illuversa* junto a *Ilerda* ou, em alternativa, nas proximidades de *Segia*. Ora, sucede que os dados numismáticos fazem pender a balança de um modo decisivo para o lado de *Ilerda*, dadas as semelhanças detectadas entre as dracmas de ambas as cecas, tanto a nível das legendas – **belse** # **Salir** (A.6.08; CNH 44:54)/**ildiRda** # **Salir** (A.18-3.; CNH 41:36) – como a nível tipológico; inclusive, o lobo gravado como símbolo no reverso de CNH 42:41A terá sido, segundo VILLARONGA (1992, 21), copiado das emissões de dracmas de **ildiRda**, o que levou ultimamente o mesmo autor a incluir a referida moeda de **belse** no grupo de dracmas com símbolo lobo, maioritariamente constituído por peças de origem ilerdense (CNH 41:32-42). Também as parcas informações relativas à distribuição dos achados monetários indiciam a localização de **belse**/**Illuversa* nas imediações de *Ilerda* (VILLARONGA, 1992, 22).

belse documenta mais uma vez a forma onomástica *bels* (VILLARONGA, 1992, 19), conhecida, por exemplo, em ADIMELS (TSall) < **adin-bels*, **anbels** (B.1.40), **betigi-bels-ir** (FARIA, 1994, 69), **bici-bels** (C.2.23), **soisin-bels** (F.9.8) e SANIBELSER (TSall) < **Sani-bels-er*, só que, desta vez, seguida do sufixo *-e*, a exemplo do que se verifica com outros NNL: **ars-e** (A.33-5.-13.; CNH 308:29-30), **auS-e-sCen** (A.7; CNH 185:1-12), **cels-e** (A.21; CNH 222:1-17), **lai-e-SCen** (A.13; CNH 191:1-11) e **saldu-i-e** (A.24; CNH 228:1-4) < **saldu-bi-e*.

À semelhança do que se verificou com as dracmas de **baRceno** (DE HOZ, 1995, 320), também as produções de **belse** terão sido sujeitas a cópia, sendo em número de duas as imitações que cremos ter detectado no *corpus* de VILLARONGA: a primeira ostenta a grafia **bease** (CNH 46:65), enquanto na segunda o NL **belse** terá sido alterado para **betase** (A.6.09/1; CNH 52:108).

boRtolo. Cerâmica. Ullastret. C.2.19.

NP constituído por *boR* e *tolo*. Como paralelos, podem ser evocados **bai-tolo** (A.8; CNH 198:1-6), **boR-bel-ioR** (C.2.3), LABI-TOLO-SA (TOVAR, 1989, 416), **noro-boR** (B.7.34), TOLO-BI (TOVAR, 1989, 443) e TOLO-CO (FARIA, 1995, 83). Combinado com *-en*, o elemento *boR* parece formar um novo componente nominal bissilábico, apenas detectável em **TuiTui-boRen** (A.100-6., -7.; CNH 346:36-37).

CarsuRitu. Moeda. *Obulco*. A.100.-3.; CNH 343:15-16.

Tendo já sido objecto da nossa atenção (FARIA, 1995, 81), o presente NP deverá decompor-se em **Cars-uRi-tu**. Paralelos: BAES-VRI (CNH 400:1) < **bais-uRi*, **culeS-uRi-a** (D.7.1), GRACCH(V)-VRIS (TOVAR, 1989, 391-392), *Laccouris* (TOVAR, 1989, 371) < **lac(u)-uRi*, LESVRIDANTAR (CIL II 2900) < **les-uRi-dantaR*, OCVRI (TOVAR, 1974, 60-61)/OQVR(i) (CNH 125:5) < **oc(o)-uRi* e VRIA (GORROCHATEGUI, 1984, 289). Pelo exposto, não damos por provada, até ao momento, a existência do componente onomástico *SuRi* (*contra*, MLH III 1, 232).

culeSir. Placa de chumbo. Pech Maho. SOLIER, 1979, 84 (B.7.35, .36).

UNTERMANN (MLH III 1, 227), VELAZA (1991, 95), PANOSA (1993, 216, n. 118) e CORREA (1994, 276) consideram ser **CuleSiR** a leitura correcta. Ao considerarmos a divisão **culeS-ir** como a mais plausível, não podemos deixar de aproximar o presente NP de **beRS-ir** (G.7.2), **CaRes-ir** (F.13.3), *ilur-ir* (FLETCHER VALLS e SILGO GAUCHE, 1991, 4) e **leis-ir** (SOLIER e BARBOUTEAU, 1988, 91). A velar surda inicial parece-nos inquestionável (*contra*, CORREA, 1992, 262), atendendo ao testemunho fornecido por L(*ucius*) QVL(es) F(*ilius*)/L(*ucius*) CVL(es) F(*ilius*) (CNH 339:70-71) (FARIA, 1991, 16; FARIA, 1995, 83).

daRiRa. Placa de xisto. Cañamero. DE HOZ, 1976, 288, n.º 25.

Tratar-se-á de um NP simples – **daR** (MLH III 1, 233) – seguido do sufixo *-iRa*, isolado por UNTERMANN (MLH III 1, 174)? A este e aos casos reunidos por UNTERMANN, poderão acrescentar-se os NNL **ildiciRa** (FARIA, 1995, 82) e *Lassira* (**las-iRa*) (TOVAR, 1989, 281).

eSo. Moeda. **eSo**. A.17; CNH 183:1-3.

NL formado por *eS* seguido do sufixo toponímico *-o*, também representado em **ieS-o** (A.10; CNH 199:1-4), **ildur-o** (A.11; CNH 193:1-16), **laur-o** (A.14; CNH 195:1-17) e **Cai-o** (A.82; CNH 173:1-4). *eS*, a base deste NL, faz parte de numerosos elementos onomásticos, mas não foi, até agora, e para além do caso em apreço, identificado como componente monossilábico. Os elementos bissilábicos que incluem *eS* são: *beleS* (**icoR-beleS** (CNH 309:39)), *beteS* (**beteS-con-gili** (C.22.2)), *boneS* (**adin-boneS** (C.4.1)), *CaileS* (**CaileS-cetin** (PANOSA DOMINGO, 1993, 184-185)), *culeS* (**culeS-tautin** (G.7.2)), *eSceR* (**eSceR-tiban** (F.13.1)), *geReS* (**aibe-geReS** (E.1.288)), *TaneS* [**ba**]S-TaneS (C.10.1)) e *uReS* (**uReS-uniR** (B.7.34)).

A subdivisão de elementos antroponímicos aqui patente parece conferir alguma verosimilhança à hipótese lançada com toda a prudência por DE HOZ (1993, 335, n. 14), ao assinalar que algumas sílabas integrantes dos elementos nominais bissilábicos se combinam com outras em idênticas condições, formando distintos segmentos onomásticos, ainda que não se refira ao facto de, à imagem de *eS*, muitas dessas sílabas poderem ser caracterizadas como morfemas. Para não sairmos dos exemplos acima aduzidos, *bel*, *bon*, *Cail*, *cul(e)*, *Tan* e *uR*, isolados ou acompanhados de outras sílabas para além de *eS*, integram diversos NNP, muito deles recolhidos por UNTERMANN (MLH III 1, 209-238).

Importa, contudo, levar em consideração as reservas expostas por DE HOZ quanto à possibilidade de tudo não passar de uma ilusão motivada pelo desconhecimento dos significados dos monossílabos em causa.

ibeSor. Cerâmica. Ensérune. B.1.25.

Para o NP em questão, divisível em **ibe-Sor**, existem os seguintes paralelos: **ban-Sor** (B.7.35), **bocal-Sor** (B.7.34), **ibei-sur** (B.7.35, .36), **ibei-tige** (C.4.1), **Sor-laCu** (F.20.2) e **uldi-bei**

< **uldi(i)bei* (BENAGES I OLIVÉ, 1990, 42-43) Relacionado com *ibe(i)* estará certamente **sor-ibeis** (F.21.1). Os exemplos aduzidos, se comparados com o início do NP em apreço, reflectem a alternância das grafias *e* e *ei* (MLH III 1, 153; QUINTANILLA, 1993, 734; FARIA, 1993, 156). Outras bases antroponímicas em que o mesmo fenómeno ocorre são passíveis de ser evocadas: *beR/beiR* (**beR-teceR** (F.20.2)/**Sani-beiR** (F.9.7)), *edeR/eideR* (**eder-indu** (F.11.10)/**sors-eideR** (C.1.8)), *segi/seigi* (**segi-teceR** (G.16.1)/**oRdin-seigi** (C.10.1)) e *taneg/taneig* (**biuR-taneg** (E.1.322)/**taneig** (C.15.1)).

Em face dos exemplos acima evocados, temos de duvidar da existência da base antroponímica *ibeS* (contra, MLH III 1, 222).

ibuScetin. Cerâmica. Ensérune. B.1.270, .271.

Apenas o segundo componente deste NP está documentado e somente em dois casos: **CaileS-cetin** (PANOSA DOMINGO, 1993, 184-185) e **CaSCan-cetin** (H.7.1). Quanto a *ibuS*, talvez se relacione com *boS*, presente em **adin-boS** (B.7.37) e em **boS-ildun** (F.20.1) se, como quer UNTERMANN (MLH III 1, 155), a sequência *bu* for, em ibérico, mera variante de *bo*.

ildiRgiS. Placa de chumbo. Pech Maho. SOLIER, 1979, 83 (B.7.35).

Para este antropónimo, podemos apontar três paralelos: **ban-giS** (G.7.2), *boiStin-giS* (G.1.1) e **ildiR-giS** (C.2.11), sendo este último idêntico ao NP em análise.

aiunildiR (D.8.1), lido por UNTERMANN como **alaunilTiR** (MLH III 2, 164), deve ser encarado como mais um NP possuidor da base nominal *ildiR* (SILGO GAUCHE, 1994, 34).

ilduRca. Estela de calcário. Camí del Molí. FLETCHER VALLS e GISBERT, 1994.

Não estando, até hoje, comprovada a existência de **ilduR* (FARIA, 1995, 82), consideramos ser **ildu(u)Rca* a segmentação mais defensável. **ildu-taS** (F.14.1) e *uRca-bolo* (FLETCHER VALLS e SILGO GAUCHE, 1991) constituem alguns dos paralelos que podem ser aduzidos.

laieSCen. Moeda. **laie?**. A.13; CNH 191:1-11.

A raiz deste étnico é, naturalmente, *lai*, que, isolada ou combinada com outros monossílabos, se encontra presente noutros nomes próprios: **[ba]Stu-lai-adin** (G.14.2) e **uSta(r)-lai-bi** (F.13.2). Combinada com o monossílabo *bo*, a mesma raiz figura em **Sibi-bolai** (A.100-2.; CNH 342:8) e em **TuiTu-bolai** (A.100-4., -5.; CNH 343:11-14)

[i]eisbuR. Placas de chumbo. Pech Maho. SOLIER, 1979, 77 (B.7.34).

Seguimos SILGO GAUCHE (1994, 197) na restituição do NP **[i]eisbuR**, lido anteriormente como **eisbuR** (FARIA, 1990-1991, 85; FARIA, 1994, 67). Alguns paralelos para a raiz inicial foram reunidos por SILGO (1994, 197; v. também MLH III 1, 228; FARIA, 1994, 67, 70), que, na mesma ocasião, coligiu igualmente os NNP formados por *tileis* (MLH III 1, 236). *buR* surge também representado em **adin-buR** (B.7.34), **adi(n)-buR* (H.3.1), **alaS-buR** (B.7.34, .36), **buR-do* (TSall), **buR-[i]ildiR** (G.7.2) e **culeS-buR** (B.7.35).

ocobilos. Placa de chumbo. Sierra de Gádor. H.1.1.

Muito embora a forma *bilos* conte com diversos testemunhos (MLH III 1, 218-219), *oco* apenas poderá ser comparado com o início de *OCVRI/OQVR(i)* (CNH 125:5) < **oc(o)-uRi*. Poderá este mesmo elemento estar relacionado com o sufixo nominal *-co* (MLH III 1, 203-204)?

otoildiR. Placa de chumbo. Enguera. F.21.1.

Deste documento totalmente composto por NNP, consta outro indivíduo de nome **otoildiR**, que diverge do primeiro pela presença do infix *Ce* entre os dois componentes nominais, não sendo decerto casual a ordem seguida por ambos os NNP no documento em questão. O único paralelo encontrado para o elemento inicial integra o adjectivo «étnico» **oTo-beS-Cen** (A.23; CNH 228:1) (**oto-beS(s)Cen?*). *oto* nada deve ter que ver com o componente onomástico monossilábico *do* (MLH III 1, 203-204), dada a diferença de sonoridade entre as dentais envolvidas.

[S]alaitibaS. Moeda. Ceca indeterminada. CNH 50:87.

Enquanto se aguarda o aparecimento de exemplares que permitam uma observação inequívoca da legenda monetária em causa, sugerimos esta leitura como a mais provável, com base no NP **Salai-aRgis**, de recente publicação (UNTERMANN, 1991-1993, 96, 98; VELAZA, 1994, 17). Talvez a sibilante ibérica com que se inicia SALPA, *cognomen* em ablativo de um magistrado da *Colonia Victrix Iulia Lepida*, seja a que se encontra representada no início de **[S]alai-tibaS** (CNH 50:87), **Salai-aRgis** (UNTERMANN, 1991-1993, 96, 98; VELAZA, 1994, 17), **Salbi-tas** (G.15.1) e **SalbiR-iar** (BRONCANO RODRÍGUEZ, 1989, 99-100), em vez da que está realizada em **sal-ageR** (SANMARTÍ-GREGO, 1988, 106) ou em **saldu-co** (C.2.3); não há, pois, que excluir a ocorrência de um NP ibérico **SalbaS* em detrimento de **salbaS*, leitura por nós anteriormente propugnada (FARIA, 1994, 70).

tibeSdaR. Placa de chumbo. Sierra de Gádor. H.1.1.

NP composto por *tibeS* e *daR* (FARIA, 1990-1991, 76, 88). *tibeS* encontra-se documentado em **[bi]uR-tibeS** (C.2.4) e em **tibeS-bir** (C.2.21); *daR*, além de poder estar presente em **daR-iRa** (*v. supra*), ocorre em VRGI-DAR (TSall) < **uRgi-daR*, **abaR-daR** (F.13.2) e **icoR-daR** (F.20.3). A semelhança entre *tibeS* e *beS* não deve ser casual, sendo igualmente legítimo aproximar *tibaS* de *baS* e *tileis* de *leis*, todos eles elementos nominais. *beS* está presente em **argi-beS** (F.13.15), **basi-beS** (G.1.5), **oTo-beS-Cen** (A.23; CNH 228:1) < **oTo-beS(s)Cen*, **sacaR-beS* (G.13.1), **[...]i-beS** (G.0.1), **[...]o-beS** (C.2.54) e **[...]Rdo-beS** (C.2.40).

tigirildiR. Estela de arenito. La Alcudia de Elche. G.12.1.

O NP em causa é lido por SILGO GAUCHE (1994, 172) como **ibeitera**, interpretação que diverge significativamente da nossa (FARIA, 1994, 68). Ambos os componentes integram diversos NNP: **ildiR-teceR** (G.16.1), **ildiR-tiger** (G.16.1), **tigir** (PANOSA DOMINGO, 1993, 185), **tigir-sacaR** (C.1.2), **tigir-seni** (F.11.10) e **tigir-sur** (UNTERMANN, 1991-1993, 99; VELAZA, 1994, 20).

tigirsgine. Moeda. Ceca indeterminada. A.6.13; CNH 47:73.

NP decomponível em **tigirs-gine**. Paralelos: **betu-gine** (F.17.2), **la-gine** (A.22; CNH 226:1-4), **olor-tigirs** (F.11.10), **tigirs-adin** (CAMPMAJÓ e UNTERMANN, 1993, 508-509), **tigirs-balauR** (C.4.2), **tigirs-bin** (B.7.34, .36) e **tigirs-icoR** (VELAZA, 1993, 161)..

uniscel. Cerâmica. Liria. F.13.21, .22.

Para os componentes deste NP, que segmentamos em **unis-cel**, apenas poderão ser evocados os seguintes paralelos: **unis-an** (B.1.27) e **cel-boio** (B.1.13; C.2.13). *cel* é a mesma base que, associada a outros morfemas, está presente em **celti-beleS** (F.20.2, .3) e em **celse** (A.21; CNH 222:1-17).

uRCailbi. Moeda. *Obulco*. A.-8., -9.; CNH 344:17-25.

Já por diversas vezes expusemos as nossas dúvidas quanto à origem ibérica deste NP (FARIA, 1993, 152-155; FARIA, 1995, 85-86). Porém, não sendo possível afastar totalmente a hipótese de **uRCailbi** constituir um antropónimo ibérico, entendemos encará-lo como tal nesta oportunidade.

Para o presente NP, divisível em **uRCail-bi**, podemos evocar os seguintes paralelos: **biuR-bi** (A.2; CNH 434:3-5), **saldu-ie** (A.24; CNH 228:1-4) < **saldu-bi-e*, **Saita-bi**/SAETA-BI (A.35; CNH 314:1-16), TOLO-BI (TOVAR, 1989, 443), **uRCail** (A.100-2.; CNH 355:1-4), VRCHAIL (*CIL* II 1087) e **uSta(r)-lai-bi** (F.13.2). Relacionados com o elemento antropónimo **uRCail** deverão estar **Cail** (VELAZA, 1991, 85, n.º 310) e **CailleS**, componente com que principia o NP **CailleS-cetin** (PANOSA DOMINGO, 1993, 184-185).

Não obstante DE HOZ (1980, 314) ter demonstrado ser **uRCailbi** a leitura mais adequada – leitura que, a nosso ver, é inquestionável (FARIA, 1995, 85) – o NP que nos ocupa continua a ser lido como **uRCailTu** por UNTERMANN (*MLH* III 1, 224), BELTRÁN LLORIS (1993, 853), GORROCHATEGUI (1993, 416), CORREA (1994, 277), SILGO (1994, 178), VILLARONGA (CNH 344:17-25) e por GARCÍA-BELLIDO e BLÁZQUEZ (1995, 421, n.º 374).

[MRESVNIN. Placa de mármore. Sagunto. *CIL* II² 14 (1) 438.

Subscrevemos sem reticências (excepto na transliteração da sibilante) a restituição deste NP ibérico aventada por SILGO GAUCHE (1988, 765; 1994, 252) e ignorada por ALFÖLDY (*ad CIL* II² 14 (1) 438). Trata-se de **uReSunin*, NP que conta, entre outros, com os seguintes paralelos: **auR-unin** (C.10.1), **niS-unin** (F.13.11), **uReS-tiniR** (B.7.34), **wiReS-tiniR** (B.7.34), **uReS-uniR** (B.7.34), **wuReS-uniR** (B.7.36) e **wReS-uniR** (B.7.36).

uStalarilun. Placa de chumbo. Orleil. F.9.5.

Segmentável em **uStal-ar-ilun**, com **uStal** em vez de **uStar** por dissimilação. Paralelos: **ar-TiCan** (CAMPMAJÓ e UNTERMANN, 1993, 513), **Ce-bels-ilun-(un)jin** (F.9.8), **ilun-Tor** (F.20.2) e **uSta(r)-lai-bi** (F.13.2).

BIBLIOGRAFIA

- BELTRÁN LLORIS, F. (1993), Un nuevo antropónimo vasconico en la comarca de las Cinco Villas (Zaragoza). *Homenatge a Miquel Tarradell*. Barcelona 1993, 843-858.
- BRONCANO RODRÍGUEZ, S. (1989), *El depósito votivo ibérico de El Amarejo, Bonete (Albacete)*. Madrid 1989.
- CAMPMAJÓ, P. e UNTERMANN, J. (1993), Les influences ibériques dans la Haute Montagne Catalane: le cas de la Cerdagne. *Actas del V Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca 1993, 499-520.
- CARO BAROJA, J. (1954), La escritura en la España Prerromana (Epigrafía y Numismática). *Historia de España dirigida por Ramón Menéndez Pidal*. Tomo I, vol. III. Madrid 1954, 679-812.
- CIL* II = HÜBNER, E. (1869), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II. Berlin 1869.
- CIL* II² 14 (1) = ALFÖLDY, G. et alii (1995), *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II. Editio altera. Pars XIV: *Conventus Tarraconensis*. Fasc. I: *Pars meridionalis Conventus Tarraconensis*. Berlin-New York 1995.
- CNH = VILLARONGA, L. (1994), *Corpus Nummum Hispaniae ante Augusti Aetatem*. Madrid 1994.
- CORREA, J. A. (1992), Representación gráfica de la oposición de sonoridad en las oclusivas ibéricas (semisilabario levantino), *AlΩN* 14 1992, 253-291.
- CORREA, J. A. (1994), La lengua ibérica, *Revista Española de Lingüística* 24 (2) 1994, 263-287.
- DOLÇ, M. (1954), El nombre de Bilbilis, *Caesaraugusta* 5 1954, 49-60.
- FARIA, A. M. de (1990-1991), Antropónimos em inscrições hispánicas meridionais, *Portugalia Nova Série* 11-12 1990-1991, 73-88.
- FARIA, A. M. de (1991), Epigrafía monetária meridional, *Conimbriga* 30 13-22.
- FARIA, A. M. de (1993), A propósito do V Colóquio sobre línguas e culturas pré-romanas da Península Ibérica, *Penélope* 12 1993, 145-161.
- FARIA, A. M. de (1994), Subsídios para o estudo da antroponímia ibérica, *Vipasca* 3 1994, 65-71.
- FARIA, A. M. de (1995), Novas achegas para o estudo da onomástica ibérica e turdetana, *Vipasca* 4 1995, 79-88.
- FERRER ECHAVARRI, M. J. (1986), El nombre prerromano de Zaragoza, *Caesaraugusta* 63 1986, 17-47.
- FLETCHER VALLS, D. e GIBBERT, J. A. (1994), Hallazgo de una inscripción ibérica en el Camí del Molí (Terrateig, La Vall d'Albaida), *Archivo de Prehistoria Levantina* 21 1994, 343-353.
- FLETCHER VALLS, D. e SILGO GAUCHE, L. (1991), Plomo ibérico, en escritura jonia, procedente de Sagunto, *Arse* 26 1991, 1-6.
- FLETCHER VALLS, D. e SILGO GAUCHE, L. (1991-1993), Notas sobre un plomo ibérico de procedencia desconocida, *Acta Numismática* 21-23 1991-1993, 89-107.
- GARCÍA-BELLIDO, M. P. e BLÁZQUEZ, C. (1995), Formas y usos de las magistraturas en las monedas hispánicas, *La Moneda Hispánica: Ciudad y Territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid 1995, 381-428.
- GORROCHATEGUI, J. (1984), *Estudio sobre la onomástica indígena de Aquitania*. Bilbao 1984.
- GORROCHATEGUI, J. (1993), Las lenguas de los pueblos paleohispánicos, *Los Celtas: Hispania e Europa. Actas*. Madrid 1993, 409-429.
- DE HOZ, J. (1976), La epigrafía meridional prelatina en Hispania, *Actas del I Coloquio sobre Lenguas y Culturas Prerromanas de la Península Ibérica (Salamanca, 27-31 mayo 1974)*. Salamanca 1976, 227-317.
- DE HOZ, J. (1993), [Sobre] Jürgen Untermann, *Monumenta Linguarum Hispanicarum*. III. *Die iberischen Inschriften aus Spanien*, Wiesbaden, 1990., *Archivo Español de Arqueología* 66 1993, 332-336.
- DE HOZ, J. (1995), Notas sobre nuevas y viejas leyendas monetales, *La Moneda Hispánica: Ciudad y Territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid 1995, 317-324.
- IRIGOYEN ECHEVARRIA, A. (1987), Cuestiones de toponimia vasca circumpirenaica, *Pirenaico navarro-aragonés, Gascón y Euskera: documentación e interferencias*. Bilbao 1987, 71-156.
- LÁZARO PÉREZ, R. (1988), Municipios romanos de Almería (fuentes literarias y epigráficas), *I Encuentro de Cultura Mediterránea (Almería, 27 al 31 de Octubre de 1986). Homenaje al Padre Tapia*. Almería 1988, 115-129.
- MLH I = UNTERMANN, J., (1975), *Monumenta Linguarum Hispanicarum*. Band I. *Die Münzlegenden*. Wiesbaden 1975.
- MLH II = UNTERMANN, J. (1980), *Monumenta Linguarum Hispanicarum*. Band II: *Die Inschriften in iberischer Schrift aus Südfrankreich*. Wiesbaden 1980.

- MLH III = UNTERMANN, J. (1990), *Monumenta Linguarum Hispanicarum. Band III. Die iberischen Inschriften aus Spanien*. Wiesbaden 1990.
- ORPUSTAN, J.-B. (1987), Les traces du gascon dans les noms des provinces, vallées, communes et quartiers historiques Labourd, Soule et Basse-Navarre, *Pirenaico navarro-aragonés, Gascón y Euskera: documentación e interferencias*. Bilbao 1987, 29-69.
- PANOSA DOMINGO, M. I. (1993), Nuevas inscripciones ibéricas de Cataluña, *Complutum* 4 1993, 175-222.
- QUESADA, F. e GARCÍA-BELLIDO, M. P. (1995), Sobre la localización de Ikalē(n)sken y la iconografía de sus monedas, *La Moneda Hispánica: Ciudad y Territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid 1995, 65-73.
- QUINTANILLA, A. (1993), Sobre el vocalismo de la lengua ibérica, *Actas del V Coloquio sobre lenguas y culturas prerromanas de la Península Ibérica (Colonia, 25-28 de noviembre de 1989)*. Salamanca 1993, 727-737.
- SANMARTÍ-GREGO, E. (1988), Una carta en lengua ibérica, escrita sobre plomo, procedente de Emporion, *Revue Archéologique de Narbonnaise* 21 1988, 95-113.
- SILGO GAUCHE, L. (1988), La antroponimia ibérica de Sagunto (1), *Arse* 23 1988, 757-767.
- SILGO GAUCHE, L. (1994), *Léxico ibérico*. Valencia 1994.
- SOLIER, Y. (1979), Découverte d'inscriptions sur plombs en écriture ibérique dans un entrepôt de Pech Maho (Sigeac), *Revue Archéologique de Narbonnaise* 12 1979, 55-123.
- SOLIER, Y. e BARBOUTEAU, H. (1988), Découverte de nouveaux plombs, inscrits en ibère, dans la région de Narbonne, *Revue Archéologique de Narbonnaise* 21 1988, 61-94.
- TOVAR, A. (1974), *Iberische Landeskunde, II. 1. Baetica*. Baden-Baden 1974.
- TOVAR, A. (1989), *Iberische Landeskunde, II. 3. Tarraconensis*. Baden-Baden 1989.
- UNTERMANN, J. (1992), Los etnónimos de la Hispania antigua y las lenguas prerromanas de la Península Ibérica, *Complutum* 2-3 1992, 19-33.
- UNTERMANN, J. (1991-1993), Intercanvi epistolar en un plom ibèric?, *Acta Numismàtica* 21-23 1991-1993 (*Homenatge al Dr. Leandre Villaronga*), 93-100.
- UNTERMANN, J. (1995), La latinización de Hispania a través del documento monetario, *La Moneda Hispánica: Ciudad y Territorio. Actas del I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua (Madrid, noviembre 1994)*. Madrid 1995, 305-316.
- VELAZA, J. (1991), *Léxico de inscripciones ibéricas (1976-1989)*. Barcelona 1991.
- VELAZA, J. (1993), Una nueva lápida ibérica procedente de Civit (Tarragona), *Pyrenae* 24 1993, 159-165.
- VELAZA, J. (1994), Sobre dos plomos con escritura ibérica: una revisión y una noticia, *Epigraphica* 56 1994, 9-28.
- VILLARONGA, L. (1992), Les dracmes ibèriques d'imitació emporitana amb l'arrel BELSE o OLSE, *Numisma* 230 1992, 17-25.